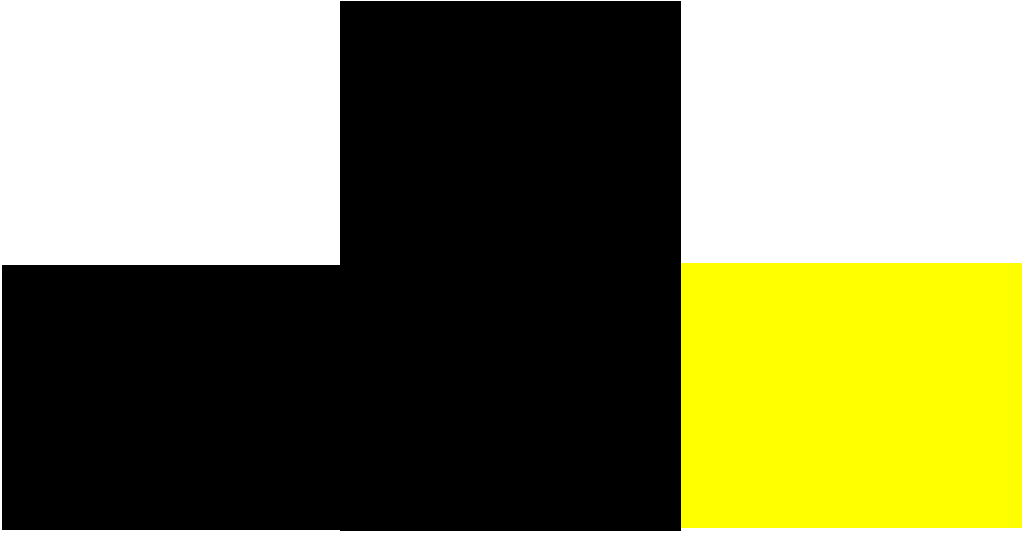


Estátuas em colapso e um olhar crítico para a representação de mulheres nas ruas da cidade do Rio de Janeiro

Ana Quintslr

Concluiu o mestrado em Design em 2023 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é formada em Design - Comunicação Visual pela PUC-Rio e em Oceanografia pela UERJ. Tem como interesse de pesquisa arte popular brasileira e investiga representações das mulheres no campo das artes.



Resumo: O presente artigo trata das narrativas em disputa nas ruas das cidades pelo mundo a partir do resgate das manifestações de 2020 do movimento “*Black lives matter*”, durante as quais os monumentos de personagens escravocratas foram questionados e atacados pelos manifestantes. Em seguida, a partir da evidência da disputa de narrativas existente no espaço público, é apresentado um levantamento local sobre os monumentos em homenagem às mulheres na cidade do Rio de Janeiro a fim de conhecer as narrativas presentes nas ruas desta cidade e de apontar as disparidades e invisibilidades.

Palavras chave: Espaço público. Manifestações políticas. Monumentos. Representação de mulheres.

Abstract: This article presents the narratives in dispute on the streets of cities around the world based on a review of the 2020 protests of the “*Black lives matter*” movement, during which the monuments of slaveholders were questioned and attacked by protesters. Then, based on the evidence of the dispute of narratives existing in public space, a local survey is presented about the monuments honoring women in the city of Rio de Janeiro, Brazil, in order to understand the narratives present in the streets of this city and to point out the disparities and invisibilities.

Key words: Monuments. Political protests. Public place. Representation of women.

1. Introdução: estátuas em colapso

O ano era 2020, primeiro ano da pandemia da Covid-19, quando o vídeo do momento em que o norte americano George Floyd foi assassinado por asfixia por um policial, viralizou na internet. As cenas não foram um caso isolado e nem restrito aos Estados Unidos da América. Aqui no Brasil, em 2021, segundo a Rede de Observatórios em Segurança Pública, pelo menos 5 pessoas negras foram mortas por dia em operações policiais.

Assim, naquele ano de 2020, munidos pela comoção e indignação mundial, o movimento “*Black lives matter*” levou milhares de pessoas para as ruas ao redor do mundo, em plena pandemia da Covid-19, para protestar contra o racismo. E entre as manifestações, assistimos uma série de ações contrárias aos monumentos que homenageiam personagens escravocratas instalados em espaços públicos. O primeiro registro destas ações veio da cidade de Bristol, na Inglaterra, onde a estátua de um traficante de escravizados foi derrubada pela população que protestava pela vida dos negros. Posteriormente, esta estátua foi substituída, sem a autorização da Prefeitura local, pela estátua de Jen Reid (Fig. 1), uma ativista negra que foi fotografada de pé sobre o pedestal no dia da derrubada da estátua do traficante de escravizados. Na nova estátua, a ativista foi representada conforme a fotografia: com o braço erguido e o punho cerrado. Porém, o monumento foi removido pela prefeitura de Bristol cerca de 25h após a sua instalação. O prefeito alegou que é preciso ouvir a população sobre a nova estátua antes de instalá-la. Contudo, após este ato, surgiram outros registros de monumentos e estátuas que foram questionadas, atacadas e removidas oficialmente dos espaços públicos. (Portal Geledés; Portal Brasil de Fato)

Nos Estados Unidos da América, foram registrados ataques às imagens de militares que fizeram parte do Exército Confederado que defendia a manutenção da escravidão. Também houve ataques a duas estátuas de Cristóvão Colombo durante os protestos anti racistas: a primeira foi incendiada e jogada em um lago em Richmond, na Virgínia; enquanto a segunda, localizada em Boston, foi decapitada (Fig. 2).



Figuras 1 e 2: À esquerda: estátua “A Surge of Power (Jen Reid) 2020” de Marc Quinn, em Bristol, Inglaterra. À direita: estátua em homenagem a Cristóvão Colombo decapitada em Boston, Estados Unidos
Fonte: Portal NBC News e Portal UOL de notícias

Remoções oficiais ocorreram em Londres, onde a estátua de um escravocrata foi removida pelo Museu das Docas. E na Bélgica, onde o busto de um monarca que colonizou a atual República Democrática do Congo foi para o depósito da Universidade de Mons. (Portal Escrevendo o futuro).

No Brasil, em outubro de 2020, o Grupo de Ação realizou uma intervenção junto às estátuas de bandeirantes e ao Monumento às Bandeiras (fig. 3) localizados na cidade de São Paulo, SP. Nesta ação, foram adicionadas esculturas de crânios ao pé dos monumentos com a finalidade de questionar o heroísmo dessas personagens e ressignificar a história, sem danificar ou remover as estátuas, conforme explicou Junae, integrante do Grupo de Ação. (Portal G1 de notícias).



Figura 3: Esculturas de crânios colocadas junto ao Monumentos às Bandeiras em São Paulo, SP.
Fonte: Portal G1 de notícias.

Recentemente, em 29 de novembro de 2023, foi aprovada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro a Lei Municipal 8205/23 que estabelece a proibição de instalação e manutenção de monumentos de exaltação a escravocratas, eugenistas e pessoas que tenham perpetrado atos lesivos aos direitos humanos, aos valores democráticos, ao direito à liberdade religiosa e que tenham praticado atos de natureza racista. Tais monumentos já instalados serão retirados das ruas e serão transferidos para museus onde serão apresentados com o respectivo contexto histórico. (Portal Mundo Negro). A nova Lei contribui para a construção de uma cidade antirracista e representa um marco importante nesta direção.

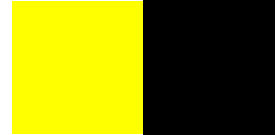
As manifestações contrárias aos monumentos revelam as narrativas que estão em disputa nas ruas das cidades. E foram estas manifestações que despertaram meu interesse pelas narrativas existentes na cidade do Rio de Janeiro. Como nos lembra Chimamanda Adichie (2019), “as histórias importam; muitas histórias importam”. Segundo a escritora, as histórias podem ser usadas para espoliar e caluniar, mas também podem empoderar e humanizar; elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também reparar essa dignidade despedaçada.

E, segundo Joice Berth (2023), a arquitetura jamais será neutra, ela é altamente discursiva e comunicadora de valores sociais e políticos e de uma época. A autora também defende que não somos estimulados à cidadania por meio do conhecimento e leitura dos espaços urbanos e que esta falta de leitura compromete a nossa percepção sobre a ausência do direito de ir e vir na cidade, pois é na produção de consciência sobre as coisas que temos a oportunidade de alterá-las e ressignificá-las.

Desta forma, este texto tem como objetivo apresentar um levantamento de dados de parte dos monumentos existentes na cidade do Rio de Janeiro que trazem representação de mulheres, a fim de compreender as histórias das mulheres que estão presentes nas ruas desta cidade, bem como as ausências e invisibilidades.

Os dados aqui apresentados têm como fonte principal o levantamento realizado pela pesquisadora e arquiteta Vera Dias sobre os monumentos da cidade do Rio de Janeiro, e está disponível no livro “Os monumentos do Rio de Janeiro: inventário 2015” e no *website* “Inventário dos monumentos RJ”. No *website*, Vera Dias classificou os monumentos em sete categorias: Esculturas (total de 275 registros), Fontes e chafarizes (139), Lagos e recantos (19), Marcos e Obeliscos (127), Obras públicas (394), Personalidades - estátuas e bustos (358) e Representações Religiosas (66). Neste artigo, será abordada a categoria “Personalidades - estátuas e bustos” que inclui os monumentos criados para homenagear pessoas reais com nome e sobrenome, portanto que trazem histórias de vidas e que remetem a períodos e acontecimentos históricos.

Os números levantados por Vera Dias revelam que na categoria “Personalidades - estátuas e bustos” entre os 358 monumentos registrados na cidade do Rio de Janeiro, 335 homenageiam exclusivamente homens, enquanto 21 homenageiam exclusivamente mulheres e 2 homenageiam homens e mulheres (a lista das mulheres homenageadas encontra-se no Anexo A). Este dado suscita a curiosidade sobre quem são essas mulheres que conquistaram espaço em uma lista tão restrita. Por que elas estão ali? Quais histórias elas contam? Então convido vocês, leitores, para um passeio pelas ruas da cidade para conhecermos estes 23 monumentos dedicados às mulheres.



2. Estátuas e bustos às mulheres na cidade do Rio de Janeiro

Começamos o nosso passeio pelo Centro da cidade, bairro que concentra o maior número de monumentos dentre os 23 analisados, concentrando 6 monumentos. O primeiro busto inaugurado neste bairro, em 1942, foi em homenagem à Chiquinha Gonzaga (Fig. 4) e está localizado no Passeio Público. Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1847, foi compositora, instrumentista e maestrina brasileira, uma mulher pioneira em sua área de atuação. Aos 16 anos, Chiquinha se casou com um empresário escolhido por seu pai, porém em menos de 2 anos ela decidiu abandonar o casamento para se dedicar à música e vai morar com seu segundo marido, de quem também se divorciou anos mais tarde. A musicista também participou ativamente do movimento abolicionista e vendia suas partituras para comprar alforria de escravizados. Entre as diversas homenagens que já recebeu, desde 2012, o dia do seu aniversário, 17 de outubro, é o Dia nacional da música popular brasileira. (Portal Chiquinha Gonzaga).



Figura 4: Busto em homenagem a Chiquinha Gonzaga.

Fonte: Google Art & Culture

Caminhamos até a Praça da Cruz Vermelha onde encontramos a segunda estátua inaugurada no Centro, em homenagem à enfermeira Ana Néri (Fig. 5). Esta estátua foi

inaugurada em 1956 após uma resolução formada na Terceira Conferência Interamericana com a participação de Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha de 20 países das Américas. Anna Justina Ferreira Nery, nasceu em 1814 na Vila de Cachoeira do Paraguaçu, Bahia, foi mais uma mulher pioneira em sua área de atuação durante o século XIX. Ana Néri atuou voluntariamente como enfermeira durante a Guerra do Paraguai e pregava a importância de um atendimento humanizado aos pacientes.



Figura 5: Estátua em homenagem à Ana Néri com intervenção realizada durante a pandemia da Covid-19.

Fonte: Wikipedia

Seguindo a ordem cronológica de inauguração dos monumentos deste bairro, paramos na Av. Treze de Maio (data de assinatura da Lei Áurea), onde está o monumento em homenagem à Princesa Isabel, inaugurado em 1990, doado para a Prefeitura pelo Metrô do Rio de Janeiro. Entretanto, a efígie com a imagem da Princesa Isabel (fig. 6) está desaparecida desde 2018, restando o texto da Lei Áurea que compõe o monumento (Portal Inventário dos monumentos RJ). Como a Princesa possui outro monumento em sua homenagem, falaremos dela mais adiante e fica o registro que Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon e Bragança é a única mulher que possui dois monumentos em sua homenagem na cidade do Rio de Janeiro.

Caminhamos até a Praça Mattathias Gomes, em frente à Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro onde está a estátua em homenagem ao casal de norte-americanos, missionários e fundadores da primeira igreja presbiteriana no Brasil, inaugurada em 2009. Helen Murdoch Simonton, quarta mulher da nossa lista, está representada ao lado do marido Ashbel Simonton (fig. 7) com quem casou em 1863. No ano seguinte, ela faleceu poucos dias após o nascimento da sua primeira filha.



Figuras 6 e 7: À esquerda, efígie em homenagem à Princesa Isabel, na Av. Treze de Maio, desaparecido. À direita, estátua de Helen e Ashbel Simonton, na Praça Mattathias Gomes.

Fonte: Inventário dos Monumentos RJ e Portal Monumentos do Rio.

Chegando na Praça Itália encontramos o busto da Imperatriz Teresa Cristina (fig. 8), inaugurado em 2022 para substituir o busto que havia sido furtado em janeiro de 2019, e também para comemorar a data em que a Imperatriz completaria 200 anos de idade. Teresa Cristina de Bourbon-Duas Sicílias, nasceu em Nápoles no Reino das Duas Sicílias em 1822 e aos 21 anos de idade, chegou ao Brasil já casada com o imperador Dom Pedro II, casamento que reforçou a aliança dinástica entre as famílias Bragança e Bourbon. A imperatriz permaneceu no Brasil até a proclamação da República, 1889, quando foi exilada junto com a família Real para Portugal e faleceu poucos meses depois, aos 67 anos de idade. (Portal Museu Nacional).



Figura 8: Busto em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina

Fonte: Portal G1 de notícias

A última parada no bairro do Centro da cidade é na Praça Mário Lago, onde está a estátua inaugurada em 2022 em homenagem a Marielle Franco (fig. 9). Marielle Franco da Silva, nasceu em 1979 na cidade do Rio de Janeiro, mulher negra, favelada, LGBTQIA+ e militante dos direitos humanos. Em 2016, foi eleita vereadora no Rio de Janeiro com a quinta maior votação e dois anos mais tarde, foi brutalmente assassinada no dia 14 março, data que foi consolidada na ALERJ como parte do calendário oficial da cidade como o “Dia Marielle Franco - Dia da luta contra o genocídio da mulher negra”. A investigação sobre o seu assassinato segue sem desfecho. Marielle é a mais recente homenageada da cidade e a estátua foi custeada através de um financiamento coletivo organizado pelo Instituto Marielle Franco que contou com 640 apoiadores.



Figura 9: Estátua Marielle Franco na Praça Mário Lago.

Fonte: Portal UOL de notícias

Passamos agora para o bairro da Gamboa, ainda na região central da cidade. Nossa única parada é no Largo de São Francisco da Prainha, localizado na região recentemente denominada Pequena África. Neste Largo, está a estátua inaugurada em 2016 em homenagem à Mercedes Baptista (fig. 10). Mercedes Ignácia da Silva Krieger nasceu em 1921 na cidade de Campo dos Goytacazes no Rio de Janeiro, filha da costureira Maria da Silva. Mercedes foi bailarina e coreógrafa e foi a primeira bailarina negra a integrar o corpo de dança do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1948. Ela também participou do grupo do “Teatro experimental do negro”, fundado por Abdias do Nascimento e em 1953 fundou o grupo “Ballet folclórico Mercedes Batista” onde investiga a dança dos candomblés brasileiros e é considerada a maior precursora da dança afro-brasileira. Já na década de 1980 obteve grande sucesso com os espetáculos “Orungã e Iemanjá”, “Visita de Oxalá ao Rei Xangô” e “Mondongô”. Mercedes faleceu em 2014 aos 93 anos de idade. (Portal Museu AfroBrasil).



Figura 10: Estátua Mercedes Baptista no Largo de São Francisco da Prainha.

Fonte: Pinterest - O Rio não é só praia

Andamos mais um pouco até a Praça Paris, na Glória, primeira parada na Zona Sul da cidade. Nesta Praça encontramos dois bustos em homenagem a duas cantoras líricas brasileiras: Vera Janacópulos (fig. 11) e Carmem Gomes (fig. 12), ambos inaugurados em 1958. Carmem Gomes e Vera Janacópulos estrelaram óperas em Teatros no Brasil e países da América do Sul e realizaram apresentações ao vivo em rádio nacional durante as primeiras décadas do século XX.



Figuras 11 e 12: À esquerda, busto em homenagem à Vera Janacópulos. À direita, escultura em homenagem à Carmen Gomes.

Fonte: Google Arts & Culture e Wikipedia

Seguimos para os próximos bairros da Zona Sul da cidade que concentram 10 dos 23 monumentos analisados. E seguindo a ordem cronológica, começamos com o busto inaugurado em 1923, em homenagem à Clarisse Índio do Brasil (fig. 13), no Largo dos Leões, Humaitá. Este é o monumento mais antigo em homenagem à uma mulher nessa cidade. Clarisse nasceu em uma família aristocrata e abriu mão de seu dote para casar com o militar e político Arthur Índio do Brasil e Silva, descendente de indígenas. A aristocrata, que era conhecida pela sua atuação cultural ao promover grandes festas em sua casa e também por suas doações às instituições de caridade, foi assassinada no Centro da cidade, em 1919, crime que causou grande comoção. Clarisse também foi homenageada com uma rua em seu nome no bairro de Botafogo.

Em 1998, foi inaugurado o monumento em homenagem à Zuzu Angel (fig. 14), na Auto Estrada Lagoa Barra, São Conrado. Zuzu Angel foi uma importante estilista brasileira que construiu carreira internacional. Contudo, encontrava-se no auge da sua carreira, quando seu filho, Stuart Angel, foi assassinado pela ditadura em 1971. A partir

de então, ela passa a denunciar e enfrentar o regime militar até falecer em um suspeito acidente de carro no ano de 1976. Sua estátua foi inaugurada no mesmo ano em que a Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos julgou o caso e reconheceu o regime militar como responsável pela morte da estilista. O túnel onde ela foi assassinada, hoje é chamado Zuzu Angel. (Portal Memórias da ditadura).



Figura 13: Estátua em homenagem à Clarisse Índio do Brasil no Largo dos Leões.

Fonte: Wikipedia



Figura 14: Monumento em homenagem à Zuzu Angel em São Conrado.

Fonte: lulacerda.ig.com.br

Um ano após a inauguração da homenagem à Zuzu Angel, em 1999, foi inaugurado o busto da ex-primeira-dama Sarah Kubitschek (fig. 15) por iniciativa da Associação Cultural Sarah Kubitschek em reconhecimento a sua atuação social. Sarah Luiza Lemos Kubitschek de Oliveira nasceu em uma das famílias mais tradicionais de Minas Gerais, com três gerações de políticos (avô, pai e primos de Sarah Kubitschek). No ano de 1956, como primeira-dama do Brasil, Sarah criou a Fundação das pioneiras sociais, uma instituição assistencial que funcionou durante 35 anos e teve como área de atuação assistência às mães, crianças e mulheres grávidas, além de medicina preventiva e centros de pesquisa para estudo de doenças que atingem, sobretudo, às mulheres. Entretanto, o busto localizado na Praça Sarah Kubitschek, em Copacabana, foi furtado em março de 2023 e ainda não foi substituído.



Figura 15: Busto em homenagem à Sarah Kubitschek, desaparecido.

Fonte: Portal Monumentos do Rio

Em 2001, foi inaugurado o monumento em homenagem à jovem Ana Carolina da Costa Lino (fig. 16), mais uma vítima da violência urbana em nossa cidade. O caso da jovem também gerou grande comoção da população, sobretudo da população moradora do bairro de Laranjeiras e adjacências. Ana Carolina era filha de um importante joalheiro e estava no carro chegando em Laranjeiras quando foi assassinada a tiros. O monumento criado em sua homenagem está localizado próximo à saída do Túnel Santa Bárbara na Rua das Laranjeiras e foi intitulado “Espaço pela paz - Ana Carolina de Costa Lino”.

Dois anos depois, em 2003, na Av. Princesa Isabel, em Copacabana, foi inaugurada a estátua em homenagem à Princesa Isabel (fig. 17) no ano em que foram completados 115 anos da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel do Brasil. Primeira filha de Dom Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina, Isabel nasceu em 1846 no Rio de Janeiro, ela recebeu o título de Princesa Imperial e tornou-se herdeira de Dom Pedro II após a morte de seus dois irmãos homens. Apesar da oposição contra sua sucessão ao trono por ser mulher, casada com um estrangeiro e forte praticante do catolicismo, Isabel foi Regente do Império em três ocasiões. E foi durante uma delas que ela assinou a Lei Áurea oficializando o fim da escravidão no Brasil que era o único país do continente americano

que ainda mantinha o regime escravocrata. Após a proclamação da República em 1889, Isabel vai para França, país de origem do seu marido, onde passou os últimos 30 anos de vida. (wikipedia).



Figuras 16 e 17: À esquerda, estátua de Ana Carolina, em Laranjeiras. À direita, estátua da Princesa Isabel, em Copacabana.

Fonte: Wikimedia.org e Flickr - Igor Henrique

Em 2016, foram inaugurados mais três monumentos em homenagem às mulheres na zona sul da cidade, são eles: Clarice Lispector (fig. 18), Cacilda Becker (fig. 19) e à Maria do Carmo Nabuco (fig. 20).

Clarice Lispector, nasceu na Ucrânia em 1920 e veio para o Brasil com a família que fugia da Guerra Civil Russa quando tinha apenas dois anos de idade. Clarice foi escritora e jornalista e é considerada uma das mais importantes escritoras do século XX. Estreou com o premiado romance “Perto do coração selvagem” (1943) e também se destacou como contista, como em “Laços de família” (1960). A obra de Clarice também inclui obras para o público infante juvenil e crônicas. Hoje, tem sua obra amplamente traduzida e divulgada, sendo reconhecida internacionalmente (Portal IMS). A estátua em sua homenagem está localizada na orla da praia do Leme, próximo à antiga residência da

escritora e a escritora está representada na companhia de seu cachorro Ulisses. A inauguração da estátua deveu-se à iniciativa de um grupo de mulheres leitoras e apreciadoras de sua obra. Portanto, foi uma mobilização de mulheres que garantiu mais esta homenagem na cidade.



Figura 18: Estátua Clarice Lispector ao lado de seu cachorro Ulisses.

Fonte: Portal Terra

O monumento em homenagem a Cacilda Becker, umas das mais premiadas atrizes do teatro nacional, está localizado na Urca, na Praça que recebeu o nome da atriz. Cacilda nasceu em Pirassununga, São Paulo, em 1921, e aos 20 anos mudou-se para o Rio de Janeiro para iniciar a carreira de atriz. Durante a carreira, Cacilda viveu entre as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, ela foi pioneira ao exigir ser contratada como atriz profissional em 1948, e alguns anos depois fundou sua própria companhia de teatro (VARGAS e FERNANDES, 1983). Em 1986, assumiu o cargo de presidente da Comissão Estadual de Teatro, em São Paulo, enfrentando conflitos com a ditadura militar vigente no país. Durante a carreira, Cacilda encenou 68 peças, três filmes e uma telenovela, além de participações em teleteatros na televisão.

E no bairro do Humaitá está o monumento à Maria do Carmo Nabuco. A homenagem foi organizada pela família de Maria do Carmo em reconhecimento ao trabalho desenvolvido por ela na conservação da arte da cidade de Tiradentes, Minas Gerais. Filha do diplomata e político Afrânio de Mello Franco, Maria do Carmo Melo Franco Nabuco nasceu em 1907 no Rio de Janeiro e conviveu nos bastidores da política nacional desde sua infância (Portal Mulher 500 anos).



Figuras 19 e 20: À esquerda, monumentos à Cacilda Becker, na Urca. À direita, monumento à Maria do Carmo Nabuco, no Humaitá.

Fonte: wikimedia.org

Seguimos o passeio pela cidade e atravessando o túnel chegamos à Zona Norte do Rio de Janeiro, onde encontraremos mais três monumentos em homenagem às mulheres. Começamos na Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, local da antiga moradia da Família Real Portuguesa e do atual Museu Nacional, onde está a estátua em homenagem à Imperatriz Leopoldina ao lado de dois de seus filhos ainda crianças (fig. 21), inaugurada em 1997. A Imperatriz Maria Leopoldina da Áustria nasceu em 1797 e foi uma arquiduquesa da Áustria, esposa do Imperador Pedro I e mãe de Dom Pedro II. Em 1822, torna-se Imperatriz Consorte do Brasil, título que perdura até seu falecimento em 1826. É atribuída a ela uma participação importante no processo de independência do Brasil ao

convencer José Bonifácio a aceitar a nomeação como ministro do Reino e dos negócios estrangeiros. (Portal CNN Brasil)



Figura 21: Estátua da Imperatriz Leopoldina ao lado dos filhos D. Pedro II e Maria da Glória.
Fonte: Portal A vida no Centro.

Próximo da Quinta da Boa Vista, no Largo da Segunda-feira, na Tijuca, está o monumento em homenagem a Cleyde Prado Maia (fig. 22), inaugurado em 2008 no ano de seu falecimento. Cleyde era líder do movimento “Gabriela sou da paz”, movimento criado por ela após a morte da adolescente Gabriela Maia, sua filha, mais uma vítima da violência urbana no bairro da Tijuca no ano de 2003. O monumento criado em sua homenagem traz a representação de uma pomba, símbolo do movimento criado por Cleyde (Inventário dos Monumentos RJ).



Figura 22: Inauguração do monumento à Cleyde Prado Maia.

Fonte: Flickr de Rodrigo (Bony)

Completa a lista de monumentos em homenagem às mulheres na Zona Norte, o busto em homenagem à Carmen Miranda (fig. 23), localizado na Ilha do Governador, inaugurado em 1960. A cantora e atriz teve sua homenagem organizada pela Revista do Rádio em parceria com a loja Rei da Voz. A inauguração contou com a presença de diferentes artistas. Carmen Miranda, nascida em Portugal em 1909, veio para o Brasil com um ano de idade, conquistou fama internacional durante as décadas de 1930 e 1950 e uma grande adesão popular no Brasil. Além disso, foi a primeira mulher a assinar contrato com uma rádio no Brasil. Carmen tornou-se um símbolo controverso do nosso país, todavia, para Fernando Balieiro (2015), a riqueza da trajetória de Carmen Miranda se dá com a reprodução de sentidos marcada pela multiplicidade e pelos deslocamentos.



Figuras 23: Busto em homenagem à Carmen Miranda.
 Fonte: Portal Inventário dos Monumentos RJ

Agora, chegamos na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde estão mais três monumentos em homenagem às mulheres. O primeiro, inaugurado em 1949, em Campo Grande, homenageia a portuguesa Filomena Del Cima, esposa de um próspero comerciante da Zona Oeste da cidade, porém, segundo o registro de Vera Dias, esta efígie está desaparecida desde os anos 1990 e não foi possível encontrar imagens dessa efígie. Também não foi possível encontrar informações sobre a atuação de Filomena Del Cima, sabe-se apenas que ela nasceu em Portugal em 1891, casou-se com Ítalo Del Cima e faleceu em 1944 (Portal Inventário dos Monumentos RJ).

O segundo monumento também homenageia uma portuguesa, inaugurado em 2000 em homenagem à Maria Augusta Ferreira (fig. 24), pioneira na ocupação de quiosques alimentícios na praia da Barra da Tijuca. O monumento está localizado na orla do Pepê, Barra da Tijuca, local de atuação da comerciante que ficou conhecida como Tia Augusta. (Inventário dos Monumentos RJ)

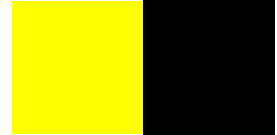


Figura 24: Busto em homenagem à Maria Augusta Ferreira.

Fonte: Portal do Jornal O Globo

Finalizamos o passeio com o terceiro monumento da Zona Oeste da cidade, que está no bairro de Realengo, na Praça Anjos da Paz e foi inaugurado em 2015. Intitulado “Às doze crianças de Realengo” (fig. 25), o monumento homenageia as 12 crianças e adolescentes vítimas de um atirador na Escola Municipal Tasso da Silveira em abril de 2011. Entre as vítimas fatais deste massacre, dez eram meninas (Portal O Dia).



Figura 25: Monumento “Às doze crianças de Realengo”

Fonte: Portal O Dia

3. Análise dos monumentos às mulheres no Rio de Janeiro

3.1 Dados sobre os monumentos

Começamos a análise com o número de homens e mulheres homenageadas nas ruas da cidade. Temos 337 monumentos em homenagem aos homens e 23 monumentos em homenagem às mulheres. Desta forma, menos de 10% destas estátuas e bustos representam mulheres. Como afirma Lízian Martins (2021), o patriarcado rege as estruturas de poder na nossa sociedade e a dominação dos homens sobre as mulheres é um processo histórico e estrutural. E como defende Berth (2023), a maneira que homens e mulheres vivenciam as cidades é bem diferente; e os obeliscos, estátuas, monumentos eretos e pontiagudos atuam como marcadores do cerceamento, da reafirmação do pátrio poder e masculinidade supremacista.

O segundo dado analisado revela a distribuição das estátuas pela cidade: o bairro do Centro da cidade é o que concentra o maior número de mulheres homenageadas com um total de 6 monumentos. Essa concentração também é percebida no número total de bustos e estátuas levantados por Vera Dias. Nesta categoria, do total de 358 monumentos, o Centro reúne 104, enquanto Copacabana vem em segundo lugar com 20 monumentos. Retomando a análise sobre os 23 monumentos às mulheres, ao olharmos para as demais regiões da cidade, observamos que a Zona Sul concentra 10 homenageadas, a Zona Norte 3 e a Zona Oeste 3. Assim, o eixo Centro - Zona Sul concentra 17 monumentos (incluindo o bairro da Gamboa na região central da cidade), ou seja, cerca de 73% do total.

Outro aspecto levantado por Vera Dias foi o desaparecimento dos monumentos. Atualmente, três monumentos às mulheres estão desaparecidos: Princesa Isabel (Av. Treze de Maio), Filomena Del Cima e Sarah Kubitschek. Desta forma, dos 23 monumentos às mulheres, hoje, temos 20 nas ruas da cidade. A subtração destes monumentos se dá pelo valor comercial do material utilizado em sua confecção – o bronze. Quando ocorre o desaparecimento é preciso que exista uma mobilização para repor a obra roubada. Como citado anteriormente, o busto da Imperatriz Leopoldina foi

substituído dois anos após ter sido furtado devido a iniciativa do Consulado da Itália. Entretanto, não existiram iniciativas semelhantes para repor as efígies da Princesa Isabel e da portuguesa Filomena Del Cima. O furto mais recente ocorreu em março deste ano de 2023, o alvo foi busto de Sarah Kubitschek que havia sido inaugurado em 1999 devido a iniciativa da Associação Cultural Sarah Kubitschek, portanto conta com uma possível mobilização da própria Associação para ser repostado em um futuro próximo e assim recuperarmos mais uma mulher homenageada nas suas da cidade.

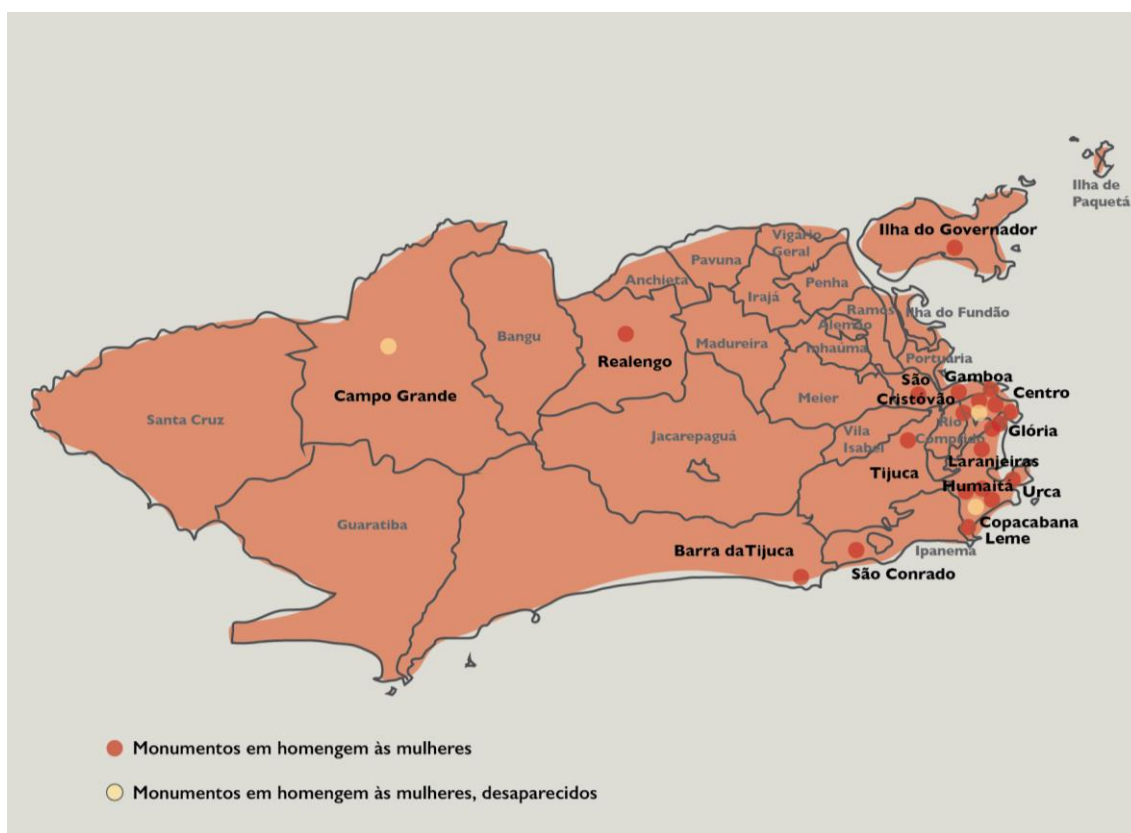


Figura 26: Mapa da cidade do Rio de Janeiro com a distribuição dos monumentos às mulheres.

Fonte: Acervo da autora

Quanto à autoria dos monumentos, temos 7 projetados por mulheres e 16 por homens. Os monumentos criados por mulheres são: Às Doze Crianças de Realengo, Ana Carolina, Cacilda Becker, Maria Augusta Ferreira, Sarah Kubitschek, Vera Janacópulos e Zuzu Angel. A versão atual do monumento em homenagem a Cacilda Becker foi projetada pela artista plástica Luciana Palma. Ela ao lado das artistas Adriana

Janacópulos, Mazeredo e Christina Motta são as quatro mulheres que projetaram monumentos entre os analisados. Mazeredo projetou quatro monumentos: Ana Carolina, Maria Augusta Ferreira, Sarah Kubistchek e Zuzu Angel; Adriana Janacópulos projetou o busto em homenagem à sua irmã Vera, e a artista Christina Motta projetou o monumento Às doze crianças de Realengo. Assim, dos monumentos analisados em homenagem às mulheres, cerca de um terço foi criado por mulheres, marcando mais uma vez a disparidade entre gêneros na ocupação do espaço público.

3.2 Dados do perfil das mulheres homenageadas

Começamos a análise sobre o perfil das mulheres homenageadas identificando a nacionalidade das mesmas. Temos 15 brasileiras, 3 portuguesas (Carmen Miranda, Maria Augusta e Filomena Del Cima), 1 austríaca (Imperatriz Teresa Cristina), 1 ucraniana (Clarice Lispector), 1 italiana (Imperatriz Leopoldina) e 1 norte-americana (Helen Simonton). Desta maneira, as mulheres estrangeiras somam quase um terço do total de mulheres homenageadas na cidade, e não encontramos entre elas representantes latinoamericanas ou africanas. Também não existem registros de homenagem às mulheres indígenas, povo originário do nosso continente. Quais histórias estamos contando e quais histórias deixamos de contar?

Quando analisamos a atuação profissional das mulheres homenageadas, temos os monumentos às mulheres que se destacaram no campo das artes: Cacilda Becker (teatro e cinema), Carmen Gomes (música lírica), Carmen Miranda (rádio e cinema), Chiquinha Gonzaga (música popular), Clarice Lispector (literatura), Mercedes Baptista (dança), Vera Janacópulos (música lírica) e Zuzu Angel (estilista). Assim, 8 das 23 mulheres homenageadas eram artistas. Como segundo campo de atuação temos a política, com 3 mulheres: Marielle Franco, Sarah Kubitschek e Princesa Isabel. Ainda que Marielle Franco seja a única mulher democraticamente eleita, as mulheres deste grupo tiveram participação na política brasileira. Ainda temos as profissões: uma enfermeira (Ana Neri),

uma missionária (Helen Simonton) e uma comerciante (Maria Augusta Ferreira). Não foi possível especificar a ocupação profissional de parte das homenageadas, marcando o apagamento da história dessas mulheres.

Para seguir com a análise, os monumentos foram agrupados segundo as semelhanças existentes entre as trajetórias das mulheres homenageadas. Começamos observando o primeiro conjunto de seis monumentos: Ana Carolina, Clarisse Índio do Brasil, à Cleyde Prado Maia, às Doze Crianças de Realengo, Marielle Franco e Zuzu Angel. Este grupo reúne mulheres vítimas de violência urbana, de gênero e crimes políticos, portanto, mais de um quarto dos monumentos dedicados às mulheres narra sobre a violência. Seis monumentos, entre os 23, narram sobre mulheres que foram assassinadas ou sofreram com um assassinato e então ganharam uma representação nas ruas da cidade. Quais histórias queremos narrar sobre as mulheres?

O próximo grupo, reúne os quatro monumentos em homenagem às mulheres da Família Real Portuguesa: Princesa Isabel que possui dois monumentos, e as Imperatrizes Teresa Cristina (mãe de Isabel) e Leopoldina (avô de Isabel). As estátuas da Família Real Portuguesa remontam aos períodos colonial e imperial, parte fundamental da história de formação do Brasil, no qual estima-se que mais de 2,5 milhões de índios foram dizimados, cerca de 4 milhões de negros foram escravizados e mais de 600 mil europeus migraram para o país. Segundo Ballestrin (2013), para o grupo Modernidade/Colonialidade, existem três dimensões de colonialidade: do poder, do saber e do ser. E a colonialidade do poder ocorre pois as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não se extinguíram com o fim do colonialismo. Fato é que os monumentos deste grupo tem a data de inauguração entre as décadas de 1990 e 2020, em datas comemorativas, incluindo as comemorações dos 200 anos da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil e os 115 anos da abolição da escravidão no Brasil. O que temos para comemorar? Quais histórias queremos contar sobre o Brasil?

Entre as artistas homenageadas, temos quatro mulheres cantoras e musicistas: Carmem Gomes, Carmen Miranda, Chiquinha Gonzaga, e Vera Janacópulos. Ao considerar a riqueza da música brasileira, podemos questionar a restrita

representatividade entre as homenageadas: Por que na cidade do samba, duas das quatro homenageadas são cantoras líricas? Onde estão as representantes do samba?

Ainda no grupo das artistas temos a primeira mulher negra homenageada na cidade: Mercedes Baptista, inaugurada em 2016. Atualmente, Marielle Franco e Mercedes Baptista são as duas mulheres negras representadas na cidade do Rio de Janeiro. Chiquinha Gonzaga pode ser incluída nessa lista, porém existem narrativas conflitantes sobre sua cor, encontramos representações da musicista como uma mulher branca, apesar da existência de registros que sua avó era uma escravizada liberta (portal Primeiros Negros). Desta forma, devido ao possível embranquecimento da musicista, não é possível afirmar se Chiquinha foi a primeira mulher negra homenageada na cidade. Entretanto, incluindo, ou não, Chiquinha Gonzaga entre as mulheres negras, elas representam menos de 1% do total de personalidades homenageadas na cidade, lembrando que temos um total de 358 homenagens no Rio de Janeiro. Enquanto pesquisas divulgadas pelo IBGE dizem que mais de 55% da população brasileira é negra, um percentual semelhante é registrado pelo órgão na cidade do Rio de Janeiro. A baixa representatividade de mulheres homenageadas na cidade do Rio de Janeiro confirma o apagamento histórico das mulheres e esse apagamento é mais evidente quando falamos de mulheres negras. À quem interessa esse apagamento?

4. Considerações finais

O levantamento e a análise preliminar dos monumentos apresentados neste artigo suscitou uma série de questionamentos que apontam para desdobramentos em trabalhos futuros a fim de aprofundar as discussões sobre o processo de ocupação do espaço público, a função histórica e política dos monumentos e os efeitos destas representações na sociedade.

As narrativas em disputa no espaço público foram evidenciadas pelos protestos de 2020 do movimento “Vidas negras importam”, assim como a invisibilidade das mulheres, em especial das mulheres negras e indígenas, foi evidenciada pelo levantamento dos

monumentos da cidade do Rio de Janeiro. Para que exista uma igualdade de representações entre homens e mulheres nesta cidade é necessário que sejam inauguradas 290 estátuas em homenagem às mulheres. E para refletir a nossa população (segundo o IBGE), cerca de 150 estátuas devem ser de mulheres negras.

Também é certa a importância do levantamento realizado por Vera Dias dos monumentos existentes na cidade do Rio de Janeiro para uma maior compreensão dos monumentos que nos cercam. A partir do levantamento realizado por Dias, é possível realizar análises a partir de diferentes recortes e evidenciar quais são as narrativas presentes e ausentes na cidade. Finalmente, conforme afirma Berth (2023), esta compreensão é o primeiro passo para a ressignificação da nossa história e para a transformação da nossa realidade.

E você, quais mulheres gostaria de ver homenageadas nas ruas da cidade?

ANEXO A: Lista de Bustos e Estátuas em homenagem a mulheres na cidade de Rio de Janeiro

Homenageada	Local	Inauguração
Ana Carolina	Rua das Laranjeiras - Laranjeiras	2001
Ana Néri	Praça da Cruz Vermelha - Centro	1956
Às Doze Crianças de Realengo	Praça Anjos da Paz - Realengo	2015
À Cleyde Prado Maia	Largo da Segunda-feira - Tijuca	2008
À Maria do Carmo Nabuco	Rua Sarapuí - Humaitá	2016
Cacilda Becker	Praça Cacilda Becker - Urca	2016
Carmem Gomes	Praça Paris - Glória	1958
Carmen Miranda	Jardim Guanabara - Ilha do Governador	1960

Chiquinha Gonzaga	Passeio Público - Centro	1942
Clarice Lispector	Caminho dos Pescadores - Leme	2016
Clarisse Índio do Brasil	Largo dos Leões - Humaitá	1923
Filomena Del Cima	Rua Artur Rios - Campo Grande	1949
Helen e Ashbel Simonton	Praça Mattathias Gomes - Centro	2009
Imperatriz Leopoldina	Quinta da Boa Vista - São Cristóvão	1997
Imperatriz Teresa Cristina	Praça Itália - Centro	2022
Maria Augusta Ferreira	Rua do Pepê - Barra da Tijuca	2000
Marielle Franco	Praça Mário Lago - Centro	2022
Mercedes Baptista	Largo da Prainha - Gamboa	2016
Princesa Isabel	Av. Princesa Isabel - Copacabana	2003
Princesa Isabel	Av. Treze de Maio - Centro	1996
Sarah Kubitschek	Praça Sarah Kubitschek - Copacabana	1999
Vera Janacópulos	Praça Paris - Glória	1958
Zuzu Angel	Auto Estrada Lagoa Barra - São Conrado	1998

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n11. Brasília, 2013, pp. 89-117.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Carmen Miranda e a performatividade da baiana. **Contemporânea**, v.5, n.1, São Carlos, 2015, p. 207-234. 2015

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismo e opressões nas cidades. 2 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2023.

MARTINS, L. M. S, **Mulheres do Vale na luta contra todas as formas de violência**. IX Fórum da Mulher do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Imprensa Universitária da UFMG, 2021, pp. 61- 88.

PORTAL INVENTÁRIO DOS MONUMENTOS RJ. Catálogo: Personalidades - estátuas e bustos. Disponível em: <<http://inventariodosmonumentosrj.com.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL BRASIL DE FATO. Estátua de ativista negra é retirada em 24h por autoridade de Bristol, na Inglaterra. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL CNN BRASIL. A influência da Princesa Leopoldina na Independência do Brasil. Disponível em: <<http://www.cnnbrasil.com.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL ESCREVENDO O FUTURO. Estátua de ativista negra substitui a de traficante de escravos no Reino Unido. Disponível em: <<http://www.escrevendoofuturo.org.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL G1. Crânios são colocados ao lado de monumentos de bandeirantes para ressignificar a história de SP. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL GELEDÉS. Estátua de manifestante do movimento “Black lives matter” substitui o monumento de traficante de escravos em Bristol. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL IMS. Clarice Lispector: vida. Disponível em: <<http://ims.com.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL MEMÓRIAS DA DITADURA. Biografias da resistência: Zuzu Angel. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL MULHER 500 ANOS. Maria do Carmo Melo Franco Nabuco de Araújo (1907). Disponível em: <<http://www.mulher500.org.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL MUNDO NEGRO. Rio de Janeiro promulga lei que proíbe monumentos em homenagem a escravocratas. Disponível em: <<http://mundonegro.inf.br>>. Acesso em: 6 de dezembro de 2023.

PORTAL MUSEU AFRO BRASIL. História e memória: Mercedes Baptista. Disponível em <<http://www.museuafrobrasil.org.br>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.

PORTAL PRIMEIROS NEGROS. Chiquinha Gonzaga, a militância da maestrina negra e abolicionista. Disponível em <<http://primeirosnegros.com>>. Acesso em: 30 de outubro de 2023.